

REPUTAÇÃO, CONFIANÇA E RECIPROCIDADE EM PROJETOS DE CONSUMO COLABORATIVO: o caso da comunidade de couchsurfers do Rio de Janeiro

Natália Mazotte

Mestranda em Comunicação e Cultura do Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação da UFRJ.

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a rede de interação formada por meio do site couchsurfing.org no município do Rio de Janeiro, na tentativa de compreender, a partir da observação participante e com base nos resultados de uma pesquisa aplicada aos membros da comunidade de *couchsurfers* do Rio de Janeiro, algumas formas de construção das relações de confiança, reputação e reciprocidade em redes colaborativas. Desse modo, busca-se contribuir para entender a importância da lógica P2P para os novos comportamentos sociais que têm afetado a moral contemporânea. Passamos de uma cultura em que individualismo e consumismo são reverenciados para outra em que comunidade e compartilhamento contam mais. É sinalizada a passagem da nossa atual economia baseada em um sistema de interesse próprio (*self-interest*) para uma economia de trocas baseada em motivações não materiais de uma coletividade.

Palavras-chave

Couchsurfing. Consumo colaborativo. Redes colaborativas.

REPUTATION, TRUST AND RECIPROCITY IN PROJECTS OF COLLABORATIVE CONSUMPTION: case study of the community of couchsurfers from Rio de Janeiro

Abstract

This research aims to investigate the interaction network formed through Couchsurfing.org web site in Rio de Janeiro, in a way to understand, through participant observation and based on the results of a survey applied to members of the community of couchsurfers of Rio de Janeiro, some ways of building relationships of trust, reputation and reciprocity in collaborative network. Thus, we seek to contribute to understand the importance of logical P2P for new social behaviors that have affected contemporary moral. We have gone from a culture where individualism and consumerism are revered to one in which the community and share count more. We have signaled the transition from our current economy based on a system of self (self-interest) for an exchange economy based on non-material motivations of a collective interest savings.

Keywords

Couchsurfing. Collaborative consumption. Collaborative networks.

INTRODUÇÃO

As barreiras às trocas humanas são cada vez menores à medida que o mundo se conecta. Neste movimento, abrem-se interessantes possibilidades de invenção, no sentido wagneriano do

termo¹, que facilitam a percepção das ilusões sociais nas quais estamos imersos. Valores tidos como “ínatos” devem, de tempos em tempos, ser postos em dúvida, mesmo que o resultado disso seja sua reafirmação. Mas alguns já estão tão incorporados em nossa cultura que acabam sendo pressupostos de todas as relações sociais, ou melhor, de todas as leituras delas.

As visões de que o homem é egoísta por natureza e de que o modelo de propriedade privada é um direito inerente a ele, fora do qual não é possível construir relações socioeconômicas, movem e regem a nossa cultura.

Este trabalho faz parte de uma tentativa, um tanto audaciosa e ainda inicial, de questionar essas duas visões, a partir da análise de redes de interação criadas com o advento da internet. Ao observar alguns produtos da interação humana no ciberespaço, foi possível perceber², as diversas frentes de cooperação e solidariedade formadas. Os exemplos são vários, desde Wikipédia e *Software* Livre - amostras disponíveis de como a cooperação coletivamente motivada consegue inclusive produzir resultados que superam os obtidos em interações movidas por interesses econômicos individuais - até as plataformas, cada vez mais numerosas, de consumo colaborativo³, que permitem o benefício de usar um produto/compartilhar uma experiência sem a necessidade de possuí-lo imediatamente ou monetizá-la, ou seja, desvinculam a experiência da propriedade privada individual.

Essas experiências colaborativas fazem parte de um momento específico do capitalismo. Na era da economia do conhecimento, a produção de riqueza não depende mais apenas de ações reprodutivas ou materiais, mas o regime de acumulação se dá pela exploração sistemática e mobilização do próprio conhecimento e da vida. As técnicas de comunicação disponíveis com o advento da internet, a informação aberta e a colaboração intelectual possibilitaram uma atividade social que constrói relações comunicativas sem precisarem estar submetidas a um comando.

Com a difusão das novas tecnologias da informação e comunicação, aliada ao desenvolvimento das novas tecnologias digitais, o capitalismo viu emergir um regime de

¹ Roy Wagner, em sua crítica à reificação que os antropólogos fazem de seus objetos, afirma que “Os vários contextos de uma cultura obtêm suas características significativas uns dos outros, por meio da participação de elementos simbólicos em mais de um contexto. Eles são inventados uns a partir dos outros, e a ideia de que alguns dos contextos reconhecidos em uma cultura são básicos ou primários, ou representam o “ínato”, ou de que suas propriedades são de algum modo essencialmente objetivas ou reais, é uma ilusão cultural.” (p. 83).

² Os estudos do professor Yochai Benkler serviram de inspiração e guia para esta análise.

³ Uma boa compilação destas plataformas pode ser encontrada neste link: <<http://www.inovadoresespm.com.br/2011/07/como-o-consumo-colaborativo-esta-transformando-os-negocios>>.

acumulação globalizado, baseado na produção de conhecimento e em um trabalho vivo, cada vez mais intelectualizado e comunicativo, numa economia que depende cada vez mais das dimensões simbólicas, culturais e imateriais do trabalho. Criatividade, afeto, comunicação e linguagem se tornaram características exigidas pela produção e pelo consumo.

A mercadoria manufaturada, símbolo do trabalho material e do regime "fordista" de acumulação de riqueza, é substituída pelo saber e pela criatividade, frutos do "trabalho imaterial" (não mais mensurável em unidades de tempo) e símbolos da nova economia do conhecimento.

Nesse sentido, não há dúvida de que as novas tecnologias vêm revolucionando o processo de produção, distribuição e circulação do conhecimento nas sociedades contemporâneas. Cada vez mais instrumentos são criados para permitir a um número cada vez maior de cidadãos cooperarem ativamente na produção de conteúdos de todo tipo.

Observando vários destes instrumentos, me vieram as seguintes questões: se não há incentivos econômicos e/ou individuais diretos, o que, afinal, motiva as pessoas a colaborarem? De que forma se constroem as redes que permitem que uma experiência seja bem-sucedida substituindo a necessidade da propriedade privada individual pelo espírito do compartilhamento?

Para a primeira pergunta, alguns bons trabalhos aos quais tive acesso indicam possíveis respostas⁴. Para a segunda pergunta, foram selecionadas uma das redes disponíveis de consumo colaborativo (o *Couchsurfing*) e foi decidido fazer uma pesquisa própria para complementar os caminhos já existentes em direção à(s) resposta(s).

A escolha pelo *Couchsurfing* não foi ao acaso. Havia uma necessidade em pesquisar uma rede colaborativa que: 1) fosse ao mesmo tempo global, como as redes na internet costumam ser, e local, permitindo uma observação participante, e 2) trouxesse em seu conceito não apenas a ideia do escambo de mercadorias, mas a ambição de construir um verdadeiro estilo de vida colaborativo.

Em um mapeamento inicial de redes de consumo colaborativo, foi verificado que são poucos os representantes desse movimento no Brasil⁵, e os que existem são tão recentes que ainda não permitem um estudo efetivo.

⁴ Destaco: "Individual and social motivations to contribute to commons-based peer production", de Yoshikazu Suzuki. Disponível em: http://conservancy.umn.edu/bitstream/119040/1/Suzuki_Yoshikazu_November2011.pdf

⁵ Tomei conhecimento de 3 sites de consumo colaborativo: <<http://www.ptodecontato.com.br>>, <<http://www.descolaai.com>> e <<http://www.enjoei.com.br>>.

Ao conhecer o *Couchsurfing*, “uma rede de voluntários em todo o mundo que conecta viajantes com os membros das comunidades locais, que oferecem alojamento gratuito e/ou aconselhamento”⁶, e sua missão (que será detalhada mais adiante), foi possível ter a certeza de que seria um excelente objeto, visto que apresenta as duas características ressaltadas.

Registradas estas notas prévias na introdução, é possível dizer que a presente pesquisa busca investigar a rede de interação formada por meio do site Couchsurfing.org no município do Rio de Janeiro, na tentativa de compreender como são construídas as relações de confiança necessárias para que as experiências colaborativas nesta comunidade ocorram.

CAPITALISMO COGNITIVO E PRODUÇÃO DE VALOR

Antes de entender à nova lógica produtiva, é necessário entender o contexto no qual ela emerge, de mudanças não apenas na apreensão do tempo e do espaço, como também na produção de valor.

A hiperaceleração tecnológica com a chamada Revolução da Informação altera toda a experiência existente nas sociedades modernas, acostumadas com o ritmo industrial. De acordo com Sodré (2002, p. 184), “se a revolução industrial centrou-se na mobilidade espacial, a revolução da informação centra-se na virtual anulação do espaço pelo tempo, gerando novos canais de distribuição de bens e a ilusão da ubiquidade humana.”⁷

Neste cenário, surgem diferentes teorias – como pós-fordismo, pós-industrialismo, pós-modernismo, capitalismo cognitivo – que, à parte suas peculiaridades, focam-se na descentralização e na desmaterialização possibilitadas pela hegemonia das novas tecnologias da informação e comunicação.

Lyotard (apud Harvey, 2008) observa que o desenvolvimento do aparato tecnológico propiciou um intercruzamento entre as diversas formas de viver e ver o mundo, abrindo caminho para a pós-modernidade, caracterizada por um jogo de linguagem, que está constantemente se reestruturando e criando novos códigos.

Emerge então um regime baseado na produção de conhecimento e em um “trabalho vivo”,

⁶ <<http://www.couchsurfing.org/about.html/vision>>. Consultado em 28/12/11.

⁷ SODRÉ, Muniz. A distribuição comunicacional. In: VAZ, Paulo, PACHECO, Anelise. (orgs.) Vozes do milênio: para pensar a globalização. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002, p. 184.

cada vez mais intelectualizado e comunicativo, numa economia que depende cada vez mais das dimensões simbólicas, culturais e imateriais do trabalho. Criatividade, afeto, comunicação e linguagem tornaram-se características exigidas pela produção e pelo consumo na nova etapa do capitalismo.

Se antes, para produzir uma mercadoria, era necessário certo número maior de horas de trabalho simples (...) ou, de qualquer maneira, se para produzir um número maior de mercadorias era necessário um aumento da massa de trabalho, hoje, observamos, ao contrário, que cada aumento de produção nasce da expressão de atividades intelectuais, da força produtiva da descoberta científica e, sobretudo da estreita aplicação da ciência e da tecnologia à elaboração da atividade de transformação da matéria. (NEGRI, 2003, p. 92-3).

Com as transformações econômicas, o próprio trabalho tende a funcionar dentro de redes de cooperação e comunicação. Nas palavras de Negri e Hardt (2005, p. 14), “todo aquele que trabalha com a informação ou o conhecimento – dos agricultores que desenvolvem determinadas sementes aos criadores de *softwares* – dependem do conhecimento comum recebido de outros e por sua vez criam novos conhecimentos comuns.” Isto se aplica particularmente a todas as formas de trabalho que criam projetos imateriais, como ideias, imagens, afetos e relações. Daremos a este novo modelo dominante o nome de “produção biopolítica”, para enfatizar que não só envolve a produção de bens materiais em sentido estritamente econômico como também afeta e produz todas as facetas da vida social, sejam econômicas, culturais ou políticas.

Isso significa que o valor deixa de estar dentro de uma relação de comando e se liga à circulação de saberes que integram as forças produtivas. É a liberdade, e não o comando, que funda o valor. A dificuldade, para o capital, é articular a regulação e as modalidades de apropriação capitalista dessa riqueza da qual as fábricas são cada vez mais dependentes.

O capital torna-se produtivo somente na medida em que capta valores pré-constituídos do trabalho social. Aqui, então, a função do comando se organiza como ameaça de bloquear a informação, como interrupção dos processos cognitivos, em suma, o capital parasitário é aquele que extrai o valor, sobretudo da interrupção dos movimentos de conhecimento, de cooperação, de linguagem. Para viver e reproduzir-se o capitalismo é obrigado a chantagear a sociedade e a bloquear os processos sociais de produção toda vez que apresentem excedente no que concerne a seu comando. (NEGRI, 2003, p.95).

A tentativa passa então pela privatização do conhecimento a partir de licenças restritivas de propriedade intelectual, de modo a expropriar o comum resultante da cooperação social. Em reação e resistência, novos aparatos são criados para libertar o conhecimento (*softwares de download P2P*, por exemplo).

P2P E ECONOMIA DA DÁDIVA

A *internet* já conecta mais de dois bilhões de pessoas.⁸ Apesar de a distribuição dessas conexões ainda ser bastante desigual (o que não se pode esquecer, sob o risco de ignorar os que não participam da atual cultura tecnológica), é inegável a contribuição da rede mundial para as trocas e para a comunicação humanas.

Ao observar a interação humana no ciberespaço, ficam evidentes⁹ as diversas frentes de cooperação e solidariedade formadas. Os exemplos são vários, desde o *Software Livre* – como apresentado, o principal modelo de como a cooperação coletivamente motivada consegue inclusive produzir resultados que superam os obtidos em interações movidas por interesses econômicos individuais – até as plataformas, cada vez mais numerosas, de produção e consumo colaborativo¹⁰, que permitem o benefício de usar um produto/compartilhar uma experiência sem a necessidade de possuí-lo imediatamente ou monetizá-la, ou seja, desvinculam a experiência da propriedade privada individual.

Esses novos canais de distribuição e consumo de bens permitem comunicar um vasto conjunto de interesses, conhecimentos, habilidades e experiências humanas, criando novas dinâmicas sociais. Segundo Benkler (2006, p. 14), a mudança crucial é que a produção social baseada nos *commons*, e não na propriedade, tornou-se uma força significativa na economia. E, como ressaltam Negri e Hardt (2005, p. 256), estes *commons*, recursos comuns compartilhados entre membros de uma comunidade, servem de base para a produção futura, numa relação expansiva em espiral.

Os processos organizacionais de atividades entre pares que colaboram mútua e

⁸ Segundo dados da União Internacional de Telecomunicações disponíveis em: <http://www.itu.int/net/pressoffice/press_releases/2010/39.aspx>. Acesso em: 23 dez. 2011.

⁹ Os estudos do professor Yochai Benkler serviram de inspiração e guia para esta minha análise.

¹⁰ Uma boa compilação destas plataformas pode ser encontrada neste link: <<http://www.inovadoresespm.com.br/2011/07/como-o-consumo-colaborativo-esta-transformando-os-negocios>>.

diretamente são chamados também de P2P. O termo popularizou-se nos anos 90 e passou a designar os mais variados fenômenos colaborativos, como *blogs*, *wikis*, software livre, e tantos outros que funcionam sem autoridades centralizadas para a produção ou compartilhamento de um determinado recurso.

Bauwens, um dos principais teóricos do conceito e fundador da P2P Foundation, explica que o P2P não se refere a todos os comportamentos ou processos que ocorrem em redes distribuídas. “Especificamente, o P2P designa todos os processos que visam aumentar a participação generalizada de participantes equipotenciais.” (BAUWENS, 2005, p.1). Segundo ele, entre as características mais importantes do P2P estão:

- produzem valor de uso através da cooperação livre entre produtores que têm acesso a capital distribuído: este é o modo de produção P2P, um “terceiro modo de produção”, diferente da produção com fins lucrativos e da produção pública efetuada por companhias detidas pelo Estado. O seu produto não reside num valor de troca destinado ao mercado, mas num valor de uso dirigido a uma comunidade de usuários;
- são administrados pela comunidade de produtores e não por mecanismos de alocação do mercado ou por uma hierarquia empresarial;
- disponibilizam livremente o valor de uso segundo um princípio de universalidade, através de novos regimes de propriedade comum.¹¹

Em resumo, estes processos baseiam-se em um poder distribuído e no acesso distribuído aos recursos, na equipotencialidade ou “anticedencialismo” (não existe qualquer seleção a priori de quem pode participar e a capacidade de cooperar é verificada no próprio processo de cooperação) e no holoptismo (ao contrário do panoptismo, em que é importante restringir o conhecimento do processo total a um pequeno grupo, no holoptismo o design do processo permite que os participantes tenham livre acesso a toda informação sobre os demais).

Ao contrário da lógica proprietária, a lógica da produção colaborativa não é regida por “vozes que comandam” (hierarquias rigorosamente estabelecidas) ou por compensações

¹¹Tradução livre de “*The political economy of peer production*”. “P2P processes: produce use-value through the free cooperation of producers who have access to distributed capital: this is the P2P production mode, a ‘third mode of production’ different from for-profit or public production by state-owned enterprises. Its product is not exchange value for a market, but use-value for a community of users; are governed by the community of producers themselves, and not by market allocation or corporate hierarchy; make use-value freely accessible on a universal basis, through new common property regimes.”

monetárias, mas por sinais e motivações socialmente compartilhados.

De acordo com Benkler:

Por décadas o nosso entendimento de produção econômica foi que indivíduos ordenam suas atividades produtivas de um dos dois jeitos: ou são empregados em empresas, e seguem as direções de gerentes, ou são indivíduos em mercados, seguindo os sinais dos preços. [...] Nos últimos três ou quatro anos, a atenção pública voltou-se para um fenômeno econômico de jovens de 15 anos no mundo do desenvolvimento de software [...] Eu sugiro que estamos vendo uma ampla e profunda emergência de um terceiro modo de produção no ambiente digital conectado. Eu o chamo de “produção entre pares baseada no comum”, para distingui-lo dos modelos baseados na propriedade e nos contratos de empresas e mercados. Sua característica central é a de que grupos de indivíduos colaboram eficientemente em larga escala sobre projetos que seguem um conjunto diverso de motivações e signos sociais, em vez de seguir os preços do mercado ou comandos gerenciais. (BENKLER, 2006:212)¹²

Um interessante artigo publicado na revista *Liinc*¹³ resume bem as diferenças entre esses dois processos de produção: “Nas relações capitalistas, os agenciamentos acontecem em torno do capital e visam à produção de valor de troca. Nas redes horizontais, os agenciamentos se dão em torno de interesses coletivos que visam produzir outros valores. No primeiro caso, o trabalho está em competição, e no segundo, está em colaboração e generosidade.”

Resultados de trabalhos cooperativos on-line – como é o caso do software livre – que apresentam qualidades superiores aos obtidos de processos centralizados, hierárquicos, economicamente motivados, comprovam o potencial do que circula em prol do laço social. A cooperação produtiva entre estranhos e conhecidos facilitada pela estrutura técnica da Internet ultrapassa as motivações clássicas do capitalismo, não está submetida à imposição do Leviatã (BENKLER, 2011) ou às negociações do mercado. Está mais próxima do conceito de dádiva, de Marcel Mauss.

Da mesma forma que a produção colaborativa, a dádiva busca a aliança e a criação sem

¹² Tradução livre: “For decades our understanding of economic production has been that individuals order their productive activities in one of two ways: either as employees in firms, following the directions of managers, or as individuals in markets, following price signals. (...) In the past three or four years, public attention has focused on a fifteen-year-old social-economic phenomenon in the software development world. (...) I suggest that we are seeing is the broad and deep emergence of a new, third mode of production in the digitally networked environment. I call this mode “commons-based -peer-production,” to distinguish it from the property- and contract-based models of firms and markets. Its central characteristic is that groups of individuals successfully collaborate on large-scale projects following a diverse cluster of motivational drives and social signals, rather than either market prices or managerial commands.”

¹³ LIMA, Clóvis Ricardi Montenegro de; PIZARRO, Daniella; FAUSTINO, Elisângela; DITTRICH, Maireli. Trabalho imaterial, produção cultural colaborativa e economia da dádiva. *Liinc em revista*, v. 5, n. 2, setembro de 2009. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/301/212>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

cair em interesses instrumentais. Ela visa a intersubjetividade e o vínculo social, situando-se na esfera oposta à dos paradigmas economicista e utilitarista.

Conforme explica Godbout (1998), de modo negativo, entende-se por dádiva tudo o que circula na sociedade que não está ligado nem ao mercado, nem ao Estado (redistribuição), nem à violência física. De modo mais positivo, é o que circula em nome do laço social.

Uma primeira característica de um sistema de dádiva consiste no fato de que os agentes sociais buscam se afastar da equivalência de modo deliberado. Isso não significa que a dádiva seja unilateral. Pode sê-lo, mas essa não é uma característica essencial sua. Geralmente, ao contrário, há retribuição, e muitas vezes maior do que a dádiva. Mas a retribuição não é o objetivo. É um equívoco aplicar a ela o modelo linear fins-meios e dizer: ele recebeu depois de ter dado, portanto deu para receber; o objetivo era receber, e a dádiva era um meio. A dádiva não funciona assim. Dá-se, recebe-se muitas vezes mais, mas a relação entre os dois é muito mais complexa e desmonta o modelo linear da racionalidade instrumental.

Além disso, a confiança é um elemento importante na produção colaborativa. Assim como na economia da dádiva (Mauss, 2001), a substituição dos interesses instrumentais é viabilizada pela confiança direcionada a uma trílice obrigação: dar, receber e retribuir. Nesse sentido, não cabe aqui falar em ações que não geram expectativa de retorno (não é a “pura solidariedade completamente desinteressada”), mas em ações em que há certa reciprocidade. Esta, contudo, não necessariamente envolve equivalências entre os “presentes” ou entre as pessoas, o que se espera é que uma corrente contínua e crescente de colaboração e solidariedade se forme. Barbrook (2003, p.140) coloca nos seguintes termos: “Quando as pessoas podem acessar o trabalho de toda uma comunidade em troca de seus próprios esforços individuais, não há por que exigirem intercâmbio igual de mercadorias”.

Enquanto sites, ferramentas, softwares e plataformas on-line têm adotado rapidamente o modo de produção P2P, suas implicações sociais e culturais tornaram-se um tópico de acalorado debate acadêmico.

Otimistas como Anderson (2009), Benkler (2006) e Shirky (2010) afirmam que a produção entre pares é em grande medida benéfica para a sociedade, promovendo inovação e criatividade e ampliando o bem-estar social geral a partir de sua estrutura descentralizada, não proprietária e aberta à participação.

Por outro lado, céticos como Keen (2007) argumentam que o excessivo acesso de amadores à produção de conteúdo pode ser prejudicial a algumas indústrias profissionais (Keen fala especificamente da indústria jornalística) e outros, como Finn e Turner (2010), criticam a presunção de que a participação generalizada nos conduzirá a uma sociedade mais democrática.

Independente da posição que se defenda, uma coisa é inegável: a produção entre pares é uma prática cada vez mais recorrente na Internet, com cada vez mais adeptos e resultados impressionantes.

Se as empresas fossem capazes de atingir os mesmos resultados a partir dos tradicionais meios de produção econômica, quanto cobriam por seu acesso? Se pensarmos que, por exemplo, o custo atual de uma enciclopédia como a Britannica completa, com 65 mil artigos, é de pouco mais de mil dólares, qual seria o preço de uma Wikipédia, enciclopédia colaborativa e gratuita que já possui mais de 15 milhões de artigos em mais de 270 línguas, caso fosse um produto privado e à venda?

Embora a arquitetura convencional de poder não dê conta de controlar redes distribuídas, novas formas de exercê-lo surgem para o novo ecossistema em rede.

O PODER PROTOCOLAR

Os principais modelos sociológicos que estudam a relação entre poder e comportamento humano são baseados em agenciamentos negativos ou positivos. Antes de abordar os novos agenciamentos presentes no poder protocolar, é mister entender os conceitos relativos às sociedades disciplinar e de controle.

Foucault é um dos primeiros teóricos a refletir sobre a passagem da sociedade das soberanias à sociedade disciplinar. Da passagem do ‘decidir sobre a morte’ para o ‘gerir a vida’.

O principal legado de sua obra consiste nos conceitos de biopoder e biopolítica, a partir de sua pesquisa sobre os sistemas de prisão modernos. Ao contrário da concepção clássica do poder do Leviatã, que age pela força e pune os desviantes, o filósofo francês chamou atenção para um outro tipo de poder, exercido por meio de positivities. Segundo ele, não existe algo unitário chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. A ideia básica de Foucault é a de mostrar que as relações de poder não se passam

fundamentalmente nem ao nível do direito, nem da violência; nem são basicamente contratuais, nem unicamente repressivas. Como ele observa em seu clássico livro *Vigiar e punir*:

é preciso parar de sempre descrever os efeitos do poder em termos negativos: “ele exclui”, ele “reprime”, ele “recalca”, ele “censura”, ele “abstrai”, ele “mascara”, ele “esconde”. De fato, o poder produz; ele produz real; produz domínios de objetos e rituais de verdade. (FOUCAULT, 1996, p.XVI).

O poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade. Ele se manifesta por meio de dispositivos de produção de discursos capilarizados e dispersos com a intenção de “administrar e produzir a vida”.

Se Foucault foi o principal teórico da sociedade disciplinar, Deleuze e Guattari podem ser considerados os da sociedade de controle. Nela, a questão não é mais a economia do tempo e das ações para adestrar o corpo e torná-lo dócil e apto ao sistema produtivo, mas o controle virtual do indivíduo e da população por uma espécie de modulação universal e constante capaz de atravessar e regular as malhas do tecido social. A questão é extrair (para controlar) das grandes massas (de gente, de informação, etc.) os padrões. Rastrear, cartografar, analisar dados a partir de amostras. A vigilância deixa de ser física e passa a ser virtual.

Não há necessidade de ficção científica para se conceber um mecanismo de controle que dê, a cada instante, a posição de um elemento em espaço aberto, animal numa reserva, homem numa empresa (coleira eletrônica). Felix Guattari imaginou uma cidade onde cada um pudesse deixar seu apartamento, sua rua, seu bairro, graças a um cartão eletrônico (dividual) que abriria as barreiras; mas o cartão poderia também ser recusado em tal dia, ou entre tal e tal hora; o que conta não é a barreira, mas o computador que detecta a posição de cada um, lícita ou ilícita, e opera uma modulação universal. O estudo sociotécnico dos mecanismos de controle, apreendidos em sua aurora, deveria ser categorial e descrever o que já está em vias de ser implantado no lugar dos meios de confinamento disciplinares, cuja crise todo mundo anuncia. (DELEUZE, 1992, p.110).

Contudo, essas reflexões não dão conta totalmente de inovações recentes, como a emergência dos processos P2P. Estes processos inauguram uma nova forma de poder, identificado e analisado por Alexander Galloway, chamado poder protocolar. Segundo ele, Protocolo não é uma palavra nova. Antes de sua utilização na computação, o protocolo referia-se a qualquer tipo de comportamento correto ou adequado dentro de um sistema específico de

convenções. É um conceito importante na área de etiqueta social, bem como nas áreas de diplomacia e relações internacionais. (...) Contudo, com o advento da computação digital, o termo assumiu um significado ligeiramente diferente. Agora, protocolos referem-se especificamente aos padrões que regem a aplicação de tecnologias específicas. Como seus predecessores diplomáticos, protocolos informáticos estabelecem os pontos essenciais necessários para adotar uma norma consensual de ação. Como seus predecessores diplomáticos, protocolos de computador são examinados por partes negociadoras e depois concretizados no mundo real por grandes quantidades de participantes (em um caso, os cidadãos, no outro, os usuários de computador). Contudo, em vez de governar práticas sociais ou políticas como fizeram seus antecessores diplomáticos, protocolos de computador determinam como tecnologias específicas são acordadas, adotadas, implementadas e, finalmente, utilizadas por pessoas ao redor do mundo. O que antes era uma questão de consideração e sentido é agora uma questão de lógica e física. (GALLOWAY, 2004, p.7)

Quando a tecnologia computacional integra-se a todas as esferas da nossa vida, das amizades aos cartões de crédito, o modo como os softwares são desenhados interfere diretamente em nossas ações, delimitando o que é possível ou não de ser feito.